



IDENTIDADES EM DESENVOLVIMENTO: PAPÉIS DE GÊNERO NA INFÂNCIA E SEU IMPACTO NO AMBIENTE ESCOLAR

Naellen de Souza Oliveira¹
Vagner Sérgio Custódio²

Resumo: Este artigo teve como objetivo a análise dos papéis de gênero na infância e a observação dos impactos desse tema no ambiente escolar. Por meio de referências acadêmicas, foi possível verificar alguns materiais sobre a história do conceito de gênero. Com base nessas informações, também pode -se discutir a relação desses papéis na escola e como a equipe escolar se posicionou diante dessa temática, sendo que como método também foi aplicado um questionário anônimo destinado a professores via google forms, tendo como objetivo diagnosticar a opinião desses educadores a respeito do tema. sendo que os resultados apontaram que ainda existe preconceito estrutural de gênero por parte dos profissionais da educação participantes dessa pesquisa.

Palavras-chave: Gênero; Infância; Educação.

INTRODUÇÃO

Os papéis de gênero têm sido uma parte intrínseca da cultura e sociedade ao longo da história, esses papéis influenciam profundamente as experiências individuais e coletivas. Ao observar a história e evolução social, pode-se constatar que as crianças são expostas a expectativas culturais sobre como meninos e meninas devem se comportar, quais interesses devem possuir e até mesmo quais sonhos devem permear seu ser.

Viviana Santiago, gerente técnica de gênero da Plan International Brasil, apresenta que “A nossa sociedade diferenciou mulheres e homens em uma prática social e, em seguida, atribuiu maior valor às características masculinas. E quando você tem dentro de uma diferença uma atribuição de maior e menor valor, gera-se a desigualdade”. Essas construções sociais geram um impacto profundo na formação da identidade das crianças, moldando assim sua autoimagem, autoestima e percepção de si mesmas e dos outros.

Ao adentrar o contexto escolar, é possível verificar que este desempenha um papel de suma importância na perpetuação ou na transformação desses papéis de gênero. A escola deve proporcionar e ser um ambiente de crescimento, descoberta e igualdade. No entanto, se não for estruturada e pensada no indivíduo, também pode reproduzir e reforçar estereótipos de gênero prejudiciais. Torna-se necessário rever a maneira como os educadores, currículos e políticas escolares têm abordado os papéis de gênero, pois esses elementos podem influenciar como as crianças internalizam essas normas e como elas passam a se relacionar entre si e com o mundo ao seu redor.

¹ Mestranda em Educação Sexual pela UNESP - Universidade Estadual Paulista. E-mail: naellen.oliveira@unesp.br

² Professor livre docente, pela UNESP - Universidade Estadual Paulista. E-mail: vagner.custodio@unesp.br



Este artigo tem por objetivo explorar a complexa interação entre os papéis de gênero na infância e seu impacto no contexto escolar, se buscará investigar como as crianças são vistas dentro desse processo de gênero, como aprendem, internalizam e reproduzem essas expectativas de gênero, se examinará como educadores e instituições escolares podem desempenhar um papel ativo na desconstrução de estereótipos de gênero prejudiciais e na promoção de uma educação baseada na equidade e inclusão e ao compreender o desenvolvimento das identidades que envolvem os papéis de gênero e o ambiente escolar, estarão melhor preparados para desenvolver abordagens educacionais mais sensíveis, empáticas e eficazes.

Com base nesse entendimento, pode-se trabalhar para proporcionar ambientes que valorizem a diversidade de identidades de gênero, promovam a autenticidade das crianças e preparem uma geração futura para abraçar a igualdade, o respeito e a compreensão mútua. Este artigo contará com um estudo de pesquisa exploratória que envolverá levantamentos bibliográficos, além de leitura e análise de um questionário de opinião aplicado a professores da educação básica I de duas escolas da cidade de Jaboticabal, localizada no interior de São Paulo.

DEFINIÇÃO DO TERMO GÊNERO

O uso do termo gênero pode ser relacionado à escritora francesa Simone de Beauvoir, ela foi uma das primeiras pessoas a usar o conceito em 1949. Em sua obra *O Segundo Sexo* declarou que "a mulher não nasce mulher, torna-se mulher" inferindo que a identidade feminina é uma elaboração sociocultural. Pode-se dizer que em 1960 a concepção de gênero surgiu em meio as lutas feministas por igualdade de oportunidades.

O conceito de gênero surge dentro desses movimentos para responder vários impasses e permitir analisar as relações existentes entre o uso do corpo e a construção da identidade nas pessoas (BRAGA, 2017, p. 252). A definição da palavra gênero é um conceito complexo e muitas vezes o termo gênero é erroneamente utilizado em referência ao sexo biológico. Por isso, é importante compreender que gênero está vinculado a construções sociais, não a características naturais, portanto, gênero não é determinado pelo sexo biológico, como já informado, é uma construção complexa moldada por normas culturais, tradições, valores, experiências pessoais e identidade individual.

Dentro da perspectiva de gênero é possível compreender que vai além da maneira de como as pessoas se veem, mas também como são vistas pela sociedade e as expectativas que



essa sociedade tem em relação a elas com base em seu gênero percebido, dentro dessa realidade deve-se enfatizar que gênero não se define por feminino e masculino, mas que este abrange uma vasta variedade de identidades, tais como transgênero, não binário, gênero fluído, entre outros.

O estudo e compreensão do gênero são cruciais para promover a igualdade, a justiça social e o respeito pelos direitos humanos. Ao compreender que o gênero é uma construção social e que as identidades de gênero são diversas e válidas, cria-se ambientes mais inclusivos e respeitosos para todas as pessoas, independentemente de como elas se identificam em relação ao gênero.

GÊNERO, INFÂNCIA E ESCOLA.

Ao analisarmos a relação entre os papéis de gênero, infância e escola é possível verificar que tais relações são inerentes à vida do ser humano. Os papéis de gênero referem-se às expectativas, normas e comportamentos socialmente definidos que a sociedade associa a indivíduos com base em sua identidade de gênero percebida.

Na infância a influência dos papéis de gênero são em sua maioria internalizados de forma inconsciente. Desde muito cedo é possível observar que meninos e meninas são expostos a mensagens sobre como devem agir, brincar e se relacionar com os outros. Para compreender melhor essa moldura acerca da formação humana, Finco destaca:

Nosso corpo, nossos gestos e as imagens corporais que sustentamos são frutos de nossa cultura, das marcas e dos valores sociais por ela apreciados. O corpo - seus movimentos, posturas, ritmos, expressões e linguagens – é, portanto, uma construção social que se dá nas relações entre as crianças e entre estas e os adultos de acordo com cada sociedade e cada cultura. Ele é produzido, moldado, modificado, adestrado e adornado segundo parâmetros culturais (FINCO, 2009, p. 271).

Como enfatizado por Finco (2009), nossos corpos, gestos e representações corporais tendem a ser moldados pela cultura na qual estamos inseridos, sendo assim, influenciados pelas interações que temos com o ambiente. Ainda de acordo com a autora, nossa cultura e sociedade desempenham um papel significativo ao nos instruir e modelar nossos comportamentos de acordo com as normas que elas estabelecem.

Toda essa construção pode ser transmitida por meio de brinquedos, mídia, interações familiares, sociais e também pela dinâmica escolar. Quando se aborda as expectativas acerca dos papéis de gênero, pode-se deparar com situações onde meninas podem ser encorajadas a serem delicadas, atenciosas e voltadas para atividades tidas como “femininas”, já para os meninos tendem a ser incentivados a serem corajosos, competitivos e independentes. Diante



dessas expectativas, e situações às quais as crianças são expostas, é possível deparar-nos com uma construção limitada e que restringe a um conjunto específico de atividades ou comportamentos que se alinham ao que é considerado apropriado para seu gênero.

A partir de suas vivências culturais iniciais, a criança começa a construir suas primeiras concepções acerca do conceito gênero, com a instituição escolar desempenhando um papel de significância no que concerne à formação identitária. Como tal, no ambiente doméstico, é onde a criança estabelece seu inicial contato com os indivíduos adultos, desencadeando, a partir vivencia, o processo de construção da identidade do sujeito.

Ao olhar para a infância, observa-se que a criança carrega consigo uma bagagem, um conhecimento prévio de como viver, nela são incutidos valores que ela deve seguir, Vygotsky (2006, p. 110), apresenta:

O ponto de partida dessa discussão é o fato de que o aprendizado das crianças começa muito antes de elas começarem a frequentar a escola. Qualquer situação de aprendizado com a qual a criança se defronta na escola tem sempre uma história prévia.

A partir dessas informações compreende-se que a escola é uma ferramenta de suma importância no desenvolvimento das crianças, tendo em vista o que ela já traz consigo, sua percepção de valores, a instituição escolar permite às crianças orientações que irão servir de apoio na construção de suas próprias identidades.

Os impactos causados pelos papéis de gênero na infância são profundos, as crianças podem internalizar essas normas como parte de sua identidade, levando a uma sensação de inadequação ou culpa quando não se encaixam nos moldes pré-definidos, tais impactos afetam a autoconfiança, autoestima e auto expressão, outro fator crucial a ser compreendido é que as crianças que não estão dentro do padrão esperado, podem ser alvo de discriminação, bullying e represália, o que pode causar efeitos duradouros no desenvolvimento emocional e social dessa criança.

A instituição escolar, embora não detentora da responsabilidade primordial na formação desse sistema de pensamento, onde se prega padrões adequados, contribui ao não submeter a questionamentos ou ajustes. No entanto, a escola possui a capacidade de gerar novas perspectivas e examinar as suas práticas pedagógicas diária, estabelecendo um ambiente propício à transformação, desconstrução e à descoberta de significados através da promoção de uma educação desprovida de preconceito de gênero.



Dentro do contexto escolar, os papéis de gênero podem moldar as expectativas de desempenho acadêmico e participação em atividades extracurriculares, é possível verificar que meninas, por exemplo, podem enfrentar barreiras para se envolverem em disciplinas como ciência, tecnologia, engenharia e matemática, pois a percepção que se tem é que essas áreas são destinadas aos meninos, assim como os meninos podem ser desencorajados a se expressarem emocionalmente ou participarem de atividades artísticas que sejam estigmatizadas como femininas.

Louro (1997, p.28), apresenta quanto às concepções de identidades de gênero que:

Em suas relações sociais, atravessadas por diferentes discursos, símbolos, representações e práticas, os sujeitos vão se construindo como masculinos ou femininos, arranjando e desarranjando seus lugares sociais, suas disposições, suas formas de ser e de estar no mundo. Essas construções e esses arranjos são sempre transitórios, transformando-se não apenas ao longo do tempo, historicamente, como também transformando-se na articulação com as histórias pessoais, as identidades sexuais, étnicas, de raça, de classe...

Tendo compreensão sobre a dimensão que engloba os papéis de gênero, é essencial que educadores, pais e a sociedade em geral reconheçam o impacto desses papéis na infância e trabalhem para criar ambientes que promovam a igualdade de gênero e a liberdade de expressão.

Diante dessas inquietações, o contexto escolar deve promover ações que permitam que as crianças explorem uma ampla gama de interesses, independentemente de sua conformidade com normas de gênero tradicionais e oferecer oportunidades para discutir e questionar essas normas, dessa forma, proporciona-se criar uma geração de indivíduos confiantes, respeitosos e empáticos, que estão dispostos a desafiar estereótipos e construir um mundo mais inclusivo para todos.

PAPÉIS DE GÊNERO NA INFÂNCIA DENTRO DO AMBIENTE ESCOLAR.

Trabalhar os papéis de gênero na infância dentro do ambiente escolar é uma tarefa crucial para promover a igualdade e o desenvolvimento saudável das crianças, portanto, abordar essa questão de maneira sensível e eficaz contribui para a quebra de estereótipos prejudiciais e cria um ambiente onde todas as crianças se sintam valorizadas, independente de suas identidades de gênero.

Neste sentido é possível elencar estratégias que podem promover o trabalho com os papéis de gênero na infância partindo do contexto escolar:



Promover a conscientização: o primeiro passo é proporcionar uma conversa sobre papéis de gênero, ofertar palestras, atividades educativas que introduzem as crianças ao conceito de gênero e à diversidade de identidades, através desse diálogo se faz possível a construção de uma base sólida que irá servir para discussões mais profundas.

Ambiente seguro: é importante que a escola seja um ambiente onde as crianças se sintam seguras, acolhidas, que tenham confiança, tendo a escola como espaço que as encoraje a expressarem suas identidades de gênero de maneira autêntica, que não sintam - se pressionados a ser e agir de forma mecânica. Quando a escola proporciona esse espaço, as crianças possuem maior autonomia, onde elas podem escolher suas roupas, brinquedos e atividades que têm ligação com seus interesses pessoais, independentemente das expectativas tradicionais de gênero.

Currículo: é de grande importância o desenvolvimento de um currículo que inclua uma vasta perspectiva de gênero em todas as disciplinas, promova a compreensão de que todos os indivíduos têm potencial de sucesso, de realizações, apresenta histórias que envolvem a construção da sociedade, enfatizando que fizeram parte dela, mulheres, homens, pessoas trans, não-binárias, entre outras, e que estas pessoas tiveram contribuições significativas na evolução da sociedade como um todo.

Atividades: Algumas atividades quando elaboradas e aplicadas, tendem a ser definidas e aplicadas baseadas no gênero dos alunos participantes. Um olhar de inclusão e equidade busca a promoção de atividades que desafiem os estereótipos de gênero, que crie situações onde as crianças possam se libertar, sem serem condicionadas ao que devem brincar por serem meninas ou meninos, é desafiador, mas necessário, ofertar projetos que incentivem a colaboração entre gêneros.

Conversas: o espaço escolar deve ser aberto a diálogos, de modo a facilitar discussões em sala de aula, a compreender e esclarecer dúvidas, junto a unidade escolar se faz pertinente momentos que sirvam como troca de informações envolvendo educadores ou educandos. Através de ações que fomentem a troca de saberes, é possível dar voz a aqueles que não se sentem ouvidos, além de promover uma linguagem de empatia, equidade e respeito.

Biblioteca: a escola pode e deve proporcionar ambientes que favoreçam o desenvolvimento das crianças, sendo assim, mantenha uma biblioteca diversa, vasta, com livros que apresentam personagens e histórias diversas, relacionadas a gênero. Através de ações como essa, é permitido que as crianças se identifiquem com diferentes experiências e perspectivas.



Atenção à linguagem e respeito pelas identidades: é necessário enfatizar a importância de estar atento a linguagem usada em sala de aula, evitando utilizar termos que reforcem estereótipos de gênero, outro fator a ser observado é que se faz necessário estar aberto a aprender, corrigir e educar. Promover o respeito pelas identidades de gênero de cada criança, respeitar suas individualidades, usar os pronomes corretos e tratar cada criança de acordo com sua identidade.

Formação da equipe escolar: proporcionar aos profissionais da educação, formação contínua sobre como lidar com questões de gênero, seja dentro da sala de aula ou no ambiente educacional.

METODOLOGIA

Para a concepção do presente estudo, foi conduzida uma pesquisa de cunho descritivo que facultou a observação, registro, análise, classificação e interpretação dos eventos examinados. Os procedimentos adotados inicialmente consistiam em uma investigação bibliográfica destinada a compilar informações sobre os papéis de gênero inseridos na cultura e sociedade ao longo da história. A partir desse substrato, buscou-se também compreender essa temática no contexto escolar.

Com base nas informações coletadas, foi conduzida uma pesquisa de levantamento, contando com a participação de docentes de duas instituições de ensino no interior de São Paulo. Os professores foram convidados a responder um questionário por meio da plataforma Google Forms, de maneira espontânea e conscientes de que a coleta seria totalmente anônima. Ao todo, obteve-se a colaboração de 30 professores do ensino fundamental I – anos iniciais da educação básica.

O questionário apresentado incluiu seis questões que visavam explorar o âmbito da educação sexual, buscando dados sobre a compreensão dos participantes em relação à temática, se tiveram ou não acesso a formações específicas na área, se consideram essa aprendizagem necessária e se identificam situações relacionadas à sexualidade nos ambientes escolares.

DESENVOLVIMENTO, ANÁLISES E DISCUSSÕES

Ao examinarmos o ambiente escolar, torna-se evidente que esse cenário desempenha um papel significativo na formação do indivíduo. Nesse contexto, observa-se que o reforço dos papéis de gênero na infância também ocorre neste espaço. Se não estiver devidamente



estruturado, os profissionais envolvidos na educação podem inadvertidamente perpetuar diferenças e estereótipos relacionados a essa temática.

É possível constatar que, mesmo dentro da sala de aula, há distinções no tratamento entre meninos e meninas, com orientações diferenciadas que acentuam as discrepâncias de gênero. Naturalmente, a escola, por si só, não tem a capacidade de resolver todas as questões ligadas ao gênero, tampouco enfrentará um caminho desprovido de desafios para lidar com essas questões. Entretanto, a escola se revela como um componente essencial e fundamental para viabilizar mudanças.

A instituição escolar torna-se um veículo crucial para a formação de crianças aptas a construir uma sociedade mais humanizada e sensível, caracterizada pela empatia e equidade no futuro. Somente por meio da educação é possível moldar crianças e jovens predispostos a causar impacto e, dessa forma, transformar a sociedade.

Considerando todos os elementos apresentados, elaborou-se e aplicou-se um questionário de opinião a professores do ensino fundamental I em duas escolas na cidade de Jaboticabal, no interior de São Paulo. O questionário, intitulado "Papéis de Gênero na Infância", foi conduzido de maneira anônima, contando com a participação de 30 professores do ensino fundamental I, e composto por seis questões que serão analisadas e discutidas a seguir.

A primeira indagação feita aos professores foi se eles sabiam o significado do termo gênero.

Figura 1 - Gráfico referente às respostas à pergunta 1.

Você sabe o que significa gênero?
30 respostas



Fonte: autores via google forms (2023)

Dentre as 30 respostas é possível verificar que 29 pessoas disseram saber o significado de gênero, totalizando 96,7% dos entrevistados, e apenas 1 pessoa disse não ter apropriação do termo, resultando num percentual de 3,3%.

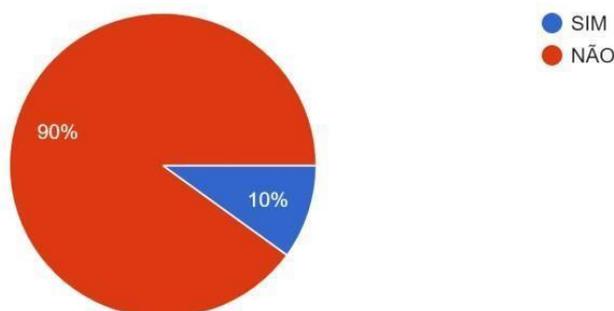


Em seguida foi questionado se eles achavam que sexo e gênero eram a mesma coisa, observe o gráfico abaixo:

Figura 2 - Gráfico referente às respostas à pergunta 2.

Você acha que sexo e gênero é a mesma coisa?

30 respostas



Fonte: autores via google forms (2023)

É observável que 27 (90%) dos especialistas entrevistados sustentam a convicção de que sexo e gênero são fenômenos distintos, enquanto 33 (10%) indicam que esses profissionais percebem que sexo e gênero são conceitos equivalentes. Diante desse desfecho, constata-se que indivíduos que afirmaram possuir conhecimento sobre o conceito de gênero na pergunta anterior, ainda apresentam contradições em suas respostas.

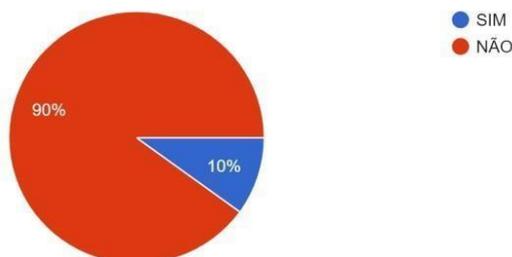
Existe uma distinção entre os dois conceitos, pode-se entender que sexo está ligado as questões anatômicas e biológicas, já o termo gênero designa a construção social do sexo biológico, ou seja, gênero se refere a organização social da relação entre os sexos e expressa que homens e mulheres são produtos do contexto social e histórico e não resultado da anatomia de seus corpos.

A terceira inquietação a ser discutida foi a questão de meninos e meninas terem conceitos já pré-estabelecidos, sendo assim a pergunta era se eles concordavam com a afirmação de que meninas usam rosa e meninos usam azul.



Figura 3 - Gráfico referente às respostas à pergunta 3.

Você concorda com a afirmação: " meninas usam rosa e meninos usam azul. "
30 respostas



Fonte: autores via google forms (2023)

No conjunto de respostas obtidas, constata-se que a maioria discorda da assertiva mencionada anteriormente, enquanto apenas três entrevistados concordam com a proposição de que meninas devem usar rosa e meninos azul. Frente a essas respostas, é imperativo destacar que a associação do azul ao gênero masculino e do rosa ao gênero feminino não é uma convenção universal e eterna. Uma análise histórica e da evolução social revela que, até o início do século passado, essas normas eram inversas.

Historicamente, a cor rosa era adotada como a cor representativa da masculinidade, enfatizando sua semelhança com o vermelho e o simbolismo associado ao sangue, o que transmitia uma ideia de força. Em contraste, o azul era associado à delicadeza.

A próxima questão aborda a formação continuada, se os profissionais já receberam algum curso voltado a essa temática, e ainda questiona se não teve essa formação, se a faria. Abaixo é possível verificar as respostas apresentadas:

Quadro 1: Tabela referente às respostas em relação a cursos e formação continuada

| CURSOS/ FORMAÇÃO CONTINUADA | | | | |
|-----------------------------|---|------------|-------|-----------|
| SIM POSSUO | | NÃO POSSUO | FARIA | NÃO FARIA |
| 1 | | X | | |
| 2 | X | | | |
| 3 | X | | | |
| 4 | | X | X | |



| | | | | |
|----|--|---|---|---|
| 5 | | X | X | |
| 6 | | X | X | |
| 7 | | X | X | |
| 8 | | X | X | |
| 9 | | X | X | |
| 10 | | X | X | |
| 11 | | X | X | |
| 12 | | X | X | |
| 13 | | X | X | |
| 14 | | X | X | |
| 15 | | X | X | |
| 16 | | X | X | |
| 17 | | X | | X |
| 18 | | X | X | |
| 19 | | X | X | |
| 20 | | X | X | |
| 21 | | X | X | |
| 22 | | X | X | |
| 23 | | X | X | |

Fonte: autores (2023).

Dentre os 30 participantes, foram registradas 23 respostas, e ao examiná-las, é possível constatar que apenas duas pessoas afirmaram ter participado de cursos ou formação continuada acerca da temática de gênero. Vinte e uma pessoas indicaram não ter recebido nenhum tipo de formação. Dentro deste conjunto de resultados, identificam-se ainda dezoito participantes que manifestaram intenção de realizar cursos, aprimoramentos e formações, enquanto duas pessoas não se pronunciaram sobre essa possibilidade, e apenas uma pessoa demonstrou desinteresse.

A formação continuada emerge como uma ferramenta essencial para capacitar educadores a abordar e discutir a temática de gênero de maneira sensível, saudável e com



embasamento. Por meio de atualizações e construções de conhecimento, os professores tornam-se mais aptos e podem desenvolver compreensões mais aprofundadas das influências culturais, psicológicas e sociais que permeiam e moldam os papéis de gênero desde a infância.

É por meio desses mecanismos que se torna viável reconhecer e desconstruir estereótipos prejudiciais, bem como compartilhar práticas pedagógicas inclusivas. O educador, ao se submeter a tais formações, adquire preparo para lidar com as dúvidas e inquietações dos alunos.

Também foi questionado aos educadores se eles já haviam presenciado situações de bullying ou discriminação relacionadas a papéis de gênero na escola e se caso a resposta fosse positiva, qual foi a abordagem da situação.

Quadro 2: Tabela referente às respostas em relação à pergunta 5

| Você já presenciou situações de bullying ou discriminação relacionadas a papéis de gênero na escola? Se SIM, como você abordou a situação? |
|---|
| Não |
| Já. Eu já tive alunos que chamavam o colega de gay, como forma de xingamento com intuito de ofendê-lo. |
| Ainda nunca presenciei. |
| Sim, conversando p explicar. |
| Sim, alguns alunos utilizam de termos ofensivos sem nem mesmo compreender. Tentei explicar sobre a importância do respeito ao próximo. |
| Sim. Pedi para terem respeito com o outro, que ninguém é igual. |
| Não. |
| Sim, explicando e orientando. |
| Sim. A professora da sala comunicou a direção que conversou com a sala. |
| Sim. Com diálogo, levando ao respeito que todos merecemos. Falando das nossas diferenças. |
| Sim, conversando e mostrando a importância do respeito um com o outro. |
| Sim. |
| Sim. Dizendo para que cada um cuidasse de sua própria vida. |

Fonte: autores (2023).

Dentre as 30 pessoas participantes do questionário, apenas 13 pessoas responderam à questão acima apresentada, sendo que 3 pessoas relataram que nunca passaram por situações assim, 10 participantes disseram já ter passado por situações que envolviam bullying ou discriminação por conta dos papéis de gênero.

Algumas ações foram citadas exemplificando como se deram as abordagens diante desse tipo de situação, os professores em sua maioria relataram conversas com os educandos para que eles tivessem respeito uns com os outros, enfatizando que ninguém é igual a ninguém.

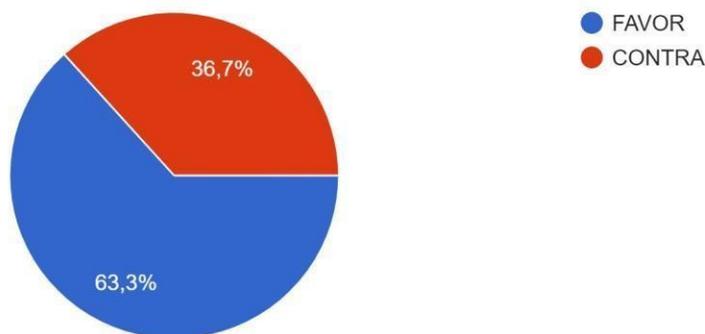


Para finalizar o questionário foi abordado se os profissionais eram favoráveis ou contra a inclusão da temática no currículo escolar.

Figura 4 - Gráfico referente às respostas à pergunta 6.

Você é a Favor ou Contra incluir essa temática no currículo escolar?

30 respostas



Fonte: autores via google forms (2023)

É evidente que os docentes apresentam resistência em relação à inclusão da temática no currículo. Das 30 respostas coletadas, 11 professores expressaram posicionamento contrário, constituindo 36,7% dos entrevistados. Quanto às respostas favoráveis, contabilizamos 19 professores, representando 63,3% dos participantes.

Assim, constata-se que a abordagem desse tópico enfrenta obstáculos entre os profissionais da educação, os quais não apoiam a inserção desse conteúdo. Isso sugere a persistência de pré-concepções e preconceitos ainda presentes no ambiente educacional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após revisão, análise e debate dos resultados, constata-se que a abordagem dos papéis de gênero na infância, englobando o contexto escolar, constitui uma responsabilidade compartilhada entre educadores, gestores e demais profissionais que compõem o âmbito educacional.

A fase da infância representa um período crucial de desenvolvimento, durante o qual as crianças estão forjando suas identidades e iniciando a compreensão do mundo ao seu redor. Nessa perspectiva, torna-se imperativo que as instituições de ensino desempenhem um papel ativo na desconstrução de estereótipos de gênero prejudiciais, proporcionando um ambiente que reconheça e celebre a diversidade, promovendo, assim, a igualdade de gênero.



Diante disso, a reflexão que se impõe é que, por meio de abordagens educacionais, sensibilizações, implementação de currículos inclusivos e programas de formação, as escolas têm a capacidade de cultivar uma nova geração de indivíduos conscientes, empáticos e comprometidos com a causa da igualdade de gênero.

É crucial empreender esforços para superar as limitações historicamente impostas, visando favorecer as crianças em suas trajetórias de desenvolvimento, influenciando atitudes e percepções que moldarão suas vidas.

Os papéis de gênero na infância devem ser integrados às políticas educacionais, mesmo diante de eventuais resistências. Garantir às crianças o direito de expressar sua verdadeira identidade em um ambiente onde sua autenticidade é valorizada e as diferenças são superadas torna-se um imperativo a ser considerado.

REFERÊNCIAS

BASÍLIO, Ana Luísa. **A igualdade de gênero pressupõe uma sociedade justa para meninos e meninas**, Disponível em: <https://educacaointegral.org.br/reportagens/igualdade-de-genero-pressupoe-uma-sociedade-justa-para-meninos-e-meninas/> Acesso em 26 jul. 2023.

CHAVES, L.A. (2021). **INTRODUÇÃO DOS PAPÉIS DE GÊNERO NA INFÂNCIA: construções sociais do ser homem e do ser mulher**. ANAIS DO SEMINÁRIO FORMAÇÃO DOCENTE: INTERSECÇÃO ENTRE UNIVERSIDADE E ESCOLA,4(4), P. 1-15. Disponível em: <https://anaisonline.uems.br/index.php/seminarioformacaodocente/article/view/7473>. Acesso em 23 jul. 2023.

FINCO, D. F. Relações de gênero nas brincadeiras de meninos e meninas na educação infantil. **Pro-Posições**, Campinas, SP, v. 14, n. 3, p. 89–101, 2016. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/proposic/article/view/8643863>. Acesso em: 19/09/2016.

GODOY, Karine. VIEIRA, Mariana. **A construção das identidades de gênero na infância**. In: **SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO**, 11, 2017, Florianópolis. Anais eletrônicos. Disponível em: http://www.en.www2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1499466038_ARQUIVO_artigo_ofazendogenero.pdf. Acesso em: 23 jul. 2023.

GRANDELLI, Renato. Entenda: como o rosa se tornou cor de menina e o azul, cor de menino. **O globo**. 03 jan. 2019. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/entenda-como-rosa-se-tornou-cor-de-menina-o-azul-de-menino-23343773>. Acesso em: 28 jul. 2023.

GUERRA, Luiz Antônio. Sexo, gênero e sexualidade. **Info escola**. Disponível em: <https://www.infoescola.com/sociologia/sexo-genero-e-sexualidade/>. Acesso em 28 jul. 2023.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós-estruturalista** /. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.



MARÇAL, Leonardo. **Igualdade de gênero no ambiente escolar.** *Revista Educação Pública*, v.19, nº 21, 17 de setembro de 2019. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/19/21/igualdade-de-genero-no-ambiente-escolar> Acesso em: 26, jul. 2023.

MEDEIROS, Letícia. MORAES, Isabela. **Gênero: você entende o que significa?.** Disponível em: <https://www.politize.com.br/vamos-falar-sobre-genero/>. Acesso em: 05 set. 2023.

MINELLA, Luzinete S. . Papéis Sexuais e Hierarquias de Gênero na História Social sobre Infância no Brasil. **Cadernos Pagu** (UNICAMP). V. 26, p. 289-327, 2006.

MORAES, Isabela. MEDEIROS, Letícia. Gênero: você entende o que significa?. **Politize**. 20 maio. 2023. Disponível em: <https://www.politize.com.br/vamos-falar-sobre-genero/>. Acessado em: 26 jul. 2023.

PEREIRA, Joseane. Até o século 20, meninos vestiam rosa e meninas usavam azul. Entenda como tudo mudou. **Aventuras na história**. 088 jan. 2020. Disponível em: <https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/reportagem/historia-rosa-para-meninos-e-azul-para-meninas.phtml>. Acessado em: 05 ago. 2023.

SALAS, Paula. Questões de gênero: caminhos para abordar o assunto em sala de aula. **Nova escola**.07, abr. 2022 Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/21183/questoes-de-genero-caminhos-para-abordar-o-assunto-em-sala-de-aula>. Acesso em: 26 jul. 2023.

SILVA, Matheus E. F. BRABO, Tania S. A. M. A introdução dos papéis de gênero na infância: brinquedo de menina e/ou menino? **Trama interdisciplinar**, São Paulo, v.7, nº 3, p. 127-140, set/dez 2016.

VIEIRA, Igor Gabriel Borges. **Gênero e educação escolar: um debate necessário.** *Revista Educação Pública*, v. 20, nº 46, 1 de dezembro de 2020. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/20/46/genero-e-educacao-escolar-um-debate-necessario>. Acesso em 27, set, 2023.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.